



ENSINO, INTERNACIONALIZAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL: DIÁLOGOS ENTRE O BRASIL E O MÉXICO

Essa entrevista¹ diz respeito à participação da Professora Roberta Carvalho Romagnoli² no Congresso Internacional de Igualdade Substantiva nas Instituições de Ensino Superior (IES), que ocorreu na cidade de Xalapa, México, entre 27 de agosto e 02 de setembro de 2017. Roberta participou também de atividades desse Congresso que foram feitas na Universidade Veracruzana Indígena das Grandes Montanhas, abordando o seguinte tema: Corresponsabilidade nas famílias e nas IES; e ainda realizou uma visita técnica à Las Patronas.

Como foi feito o convite para a sua participação neste Congresso?

Eu fui convidada porque faço parte de uma rede de pesquisa internacional que se chama Recherche Avec, que é uma rede que congrega pesquisadores franceses, canadenses, mexicanos e brasileiros. Essa rede de pesquisa trabalha com pesquisadores que possuem uma metodologia de pesquisa-intervenção mais participativa e trabalha com vários temas. Eu conheci a professora Maria José Ohamas, que já esteve no programa de Pós-graduação fazendo uma conferência, e me convidou para ir ao México, sobretudo para falar dos meus trabalhos com famílias, que é um tema que eu pesquiso... Ela queria muito que eu fosse lá, porque a gente vive realidades muito próximas. É muito diferente da França e do Canadá. Na verdade já teve congressos na França e no Canadá que eu já participei, mas ela queria essa maior aproximação por essa proximidade e por questões sociais muito similares. Outro ponto, além da professora Maria José querer aproximar realidades distintas, ela é professora de um curso de Psicologia e nessa rede de pesquisadores a gente tem pesquisadores da antropologia, das ciências da educação, da medicina, da enfermagem e nós duas somos professoras do curso de Psicologia, então isto também foi um motivo: conhecer o curso lá, pra gente ter um intercâmbio, pra gente ter uma maior parceria. Além das realidades serem similares, a gente é docente na mesma área, que é a Psicologia.

Então existe essa possibilidade de estreitamento de laços entre as Universidades?

¹ Entrevista realizada pelas alunas do Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia na PUC-MG, Kelly Dias Vieira e Tuliola Almeida de Souza Lima.

² Professora da Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia e no curso de graduação da PUC-MG, campus Coração Eucarístico.

A ideia é manter esse convênio. Esse momento que a gente está vivendo está muito complicado, porque os editais estão escassos, sobretudo para professor visitante, no Brasil e no México, mas temos interesse em concorrer a editais. Eu acabei de deixar a coordenação do Programa de Pós-graduação em Psicologia, então tenho essa possibilidade agora e a Professora Maria José está deixando a coordenação das políticas de gênero da Universidade em dezembro. Isto possibilita que pensemos nesse intercâmbio, que contemple tanto professores convidados quanto alunos dos nossos cursos e do México. Quando eu estive lá, inclusive, tentei firmar um convênio. Eu levei toda a documentação das relações internacionais, mas era exatamente a última semana da Reitora na Universidade e estava tendo eleição, não estavam fazendo convênios, mas ainda é uma perspectiva. A gente ainda vai continuar com essa proposta.

O intercâmbio é entre professores e entre alunos da graduação em Psicologia?

E da Pós-graduação também. Intercâmbio entre os cursos de Psicologia. A Professora Ohamas também é docente do programa de Pós-graduação lá, então a gente tem essa ideia de ter um intercâmbio dos programas de pós-graduação.

A gente queria saber também sobre os aspectos sociais, culturais, para além da questão acadêmica. Algo que tenha chamado sua atenção quando você fez as visitas...

Eu gostei muito de ir ao México! Achei um país muito rico. Muito rico culturalmente. Gostei das pessoas! A gente tem essa facilidade com a língua espanhola, mesmo que a gente não fale, embora eu ache que as pessoas tem que estudar espanhol, porque não é um “portunhol”... Eles são muito acessíveis, os mexicanos! Então, o que eu vi? Eu vi uma grande diferença no campo da Psicologia em relação às políticas públicas. Porque no Brasil a gente tem uma grande inserção da Psicologia nas políticas públicas. Talvez hoje seja o maior campo de absorção no mercado em termos de concursos dos psicólogos, mas, lá, quase não tem políticas públicas. Eu conversei muito rapidamente com as pessoas, mas não há um sistema de saúde, um SUS, como temos aqui, ou um SUAS. A política de Assistência Social ainda é muito assistencialista, enfim, eles ainda estão engatinhando. Não percebi nenhuma bandeira em prol da Saúde Mental como a gente tem, da Reforma Psiquiátrica, da Luta Antimanicomial, mas há muitas políticas de gênero, inclusive existem fundos federais para políticas de gênero. Isso

foi uma diferença que eu vi aqui, porque tem muito recurso financeiro para isto. O Congresso do qual participei, por exemplo, foi financiado pelo fundo federal de políticas de gênero. No México, a questão do feminicídio é muito grande e também a violência doméstica. E isto em uma proporção alarmante. Algumas cidades apresentam índices de quase 40% das mulheres assassinadas, sobretudo as cidades das fronteiras do México. Juárez é uma destas cidades, inclusive, há estudos publicados em livros que comprovam que ela foi a pior cidade em ocorrências de feminicídio das últimas décadas.

Esta cidade faz fronteira com os Estados Unidos?

Sim. Faz fronteira com os Estados Unidos. É perto de San Diego. Então, existe esta grande preocupação em relação a esta elevada taxa de violência doméstica. Não é que a gente não tenha no Brasil, mas no México é uma coisa escancarada e a leitura que eu fiz disso, pode ser uma leitura bem inicial, eu vi que a marca da masculinidade, do gênero masculino, no México, é muito pela agressividade; diferente do Brasil, de acordo com a minha percepção, que a marca da masculinidade no Brasil vem muito pela sedução. Eu acho. E essa agressividade repercute muito contra as mulheres. Então, eu vi essa diferença. Eu fiquei muito assustada, assim, com o que eu vi.

Outro ponto que eu vejo, falando de uma especificidade da psicologia, é que no México há, além de um grande desenvolvimento da psicologia com as teorias de gênero, um grande desenvolvimento da psicologia comunitária. Muito ligado aos movimentos sociais: ao movimento de mulheres, aos movimentos indígenas, às vezes, das mulheres indígenas, na religião indígena, e inclusive das Patronas, Las Patronas, que eu fui visitar. A professora Maria José Ohamas tem um trabalho com as Patronas, que são mulheres pobres, que há 20 anos fazem comida e dão para os migrantes no trem. Porque os trens que passam no México cruzam a América Central, aí tem países muito pobres na América Central, que a gente quase não conhece: Honduras, Guatemala – A Costa Rica, não, que é um país que tem mais recursos – e não tem trabalho para os homens, então os homens sobem no trem e vão dias, até chegar às cidades de fronteira do México com os Estados Unidos, que a ideia é ir para os Estados Unidos pra arrumar emprego. E esses homens ficam sem beber, sem comer, porque nos primeiros dias eles têm comida, mas eles não descem, eles têm que chegar nas cidades de fronteira. E essas mulheres fazem comida e jogam nos trens.

Quem são essas mulheres?

São mulheres que moravam à beira do trem... A história começou quando uma mãe passava próximo à linha de trem, perto de sua casa e viu homens famintos pedindo comida. Estes estavam em cima do trem pedindo comida: “Madrecita, madrecita, tienes una comida?”, aí ela ficou muito sensibilizada, falou com suas filhas e elas começaram a fazer comida. Entretanto, elas não tinham comida também, mas começaram a fazer a comida. Acho que é a força, a potência da solidariedade, e aí hoje faz cinco anos que elas começaram a ficar mais difundidas. Passaram a receber algum recurso de ONGs. Teve uma ONG no Canadá, por exemplo, que fez uma cozinha pra elas, deu o dinheiro pra elas construírem uma cozinha. Porque elas cozinhavam no fogão à lenha, com aquelas panelonas! Uma coisa difícil! Aí, têm o horário que o trem passa e estas mulheres distribuem a comida. Eu ia assistir a este momento, mas, infelizmente, tivemos um contratempo na estrada, que estava parada devido a manifestações, e não pude acompanhar. Toda esta ação de Las Patronas pode ser vista em vídeos pelo youtube.

Essas questões sociais e culturais têm alguma semelhança com o que vivemos no Brasil, também...

Então, acho que tem essas especificidades. Isto é um exemplo desse desenvolvimento: o trabalho com os indígenas, até a universidade indígena é um exemplo. E tem uma grande proliferação do narcotráfico em todo o país. Todo o país. É muito forte essa realidade, muito violenta. É tão violento que hoje, no México, as pessoas não viajam nas estradas, não viajam nas estradas à noite, os jovens não saem... a Universidade do México hoje tem 43 estudantes desaparecidos, que ninguém sabe o quê que aconteceu com eles, enfim. Então, é uma realidade muito muito violenta. A gente tem isso também no Brasil, mas a gente tem algum controle. No México, a sensação que a gente tem, é que não tem controle algum.

E as mortes, as altas taxas de feminicídio tem a ver também com o narcotráfico?

Tem a ver com a violência doméstica e com o narcotráfico. Nas cidades de fronteira é diretamente ligado ao narcotráfico. Porque eles pegam as mulheres para serem aviãozinho, pra serem escravas sexuais, porque eles importam escravas sexuais para os Estados Unidos. Então as mulheres que tentam fugir são mortas. Tem muito a ver com o narcotráfico. O quê que aconteceu, segundo uma professora que me falou: o narcotráfico tinha alguns chefes,

alguns códigos. Dentre os códigos, a proteção de mulheres e crianças. E a Polícia Federal - foi um tiro que saiu pela culatra, na verdade, porque tentou conter o narcotráfico, que é uma coisa meio sem limite, mesmo - tentou conter o narcotráfico matando os chefes. Aí diluiu as regras. Aí as pessoas que ascenderam - porque o narcotráfico continuou, aumentou as chefias, mas isso aumentou sobremaneira a violência e a falta de códigos. Então as mulheres ficaram muito mais expostas depois dessa transformação. Isso foi o que me contaram...

E o quê que eu vi no México também, uma civilização muito potente antes da chegada dos colonizadores! O que nos faz pensar o tanto que a gente é colonizado, sabe? Colonizado intelectualmente... o tanto que a gente tem a oferecer para os países desenvolvidos em termos acadêmicos, em termos intelectuais, mas a gente geralmente se coloca inferiorizado. Isso foi uma coisa que eu discuti com as professoras lá. Porque tinha uma civilização que tinha cidades, que são os maias, os astecas, os olmecas e que foram completamente dizimadas pelos colonizadores, inclusive desvalorizadas na sua língua. Hoje, no México, existem 53 línguas indígenas. Tem línguas que são faladas por 70 índios, mas elas ainda existem, mas elas foram completamente desvalorizadas, desqualificadas, pela língua do colonizador, pela produção intelectual do colonizador. Isso também eu vi. E tem algo super interessante que vi, que foi a Universidade Indígena onde estudam somente 194 alunos. Ela existe no meio da selva. A mesma palestra sobre as questões de gênero na família que proferi na Universidade Veracruzana, também foi proferida nessa Universidade, para os indígenas. E foi muito interessante, porque eles puderam colocar as questões deles sobre dominação, não só de gênero, mas dominação, mesmo. E essa universidade, Universidade Veracruzana, ligada à Universidade Indígena, a qual visitei, é a única universidade que possui recursos federais. Então, isso é muito interessante e muito diferente do Brasil, porque nossos indígenas são muito relegados a sei lá qual plano... e é uma tentativa de resgatar a cultura.

E quem dá aula na Universidade indígena?

Quem dá aula na universidade são as pessoas que foram formadas lá, pois, existem algumas áreas, em awacre - que é uma língua indígena, que eles falam e dão aulas e outras não. A Universidade tem licenciatura em Humanidades. Eles têm cinco campos: gênero, diversidade intercultural, comunicação, saúde e direitos humanos. E tudo eles fazem tentando manter a cultura dos índios. Mas eles também usam coisas super modernas, por exemplo, a faculdade de comunicação tem vídeo-conferência, tem internet. Mas, ao mesmo tempo, eles tentam trabalhar com as regras indígenas de comunicação, quem fala o quê... A saúde tem

todo um canteiro de ervas medicinais, mas ao mesmo tempo eles vêm as questões alopáticas, percebe? Eles tentam fazer. E tem alguns professores que são brancos, que dão aula lá também, que trabalham com essa questão da interculturalidade. É diversificado. Tem uma professora de teatro, por exemplo, ela parece suíça, ela é branca, e dá aulas de teatro.